

Um “ensinamento de vida fraterna” inscrito nos nossos corações

Papa Francisco com as Irmãs Clarissas de Albano

Irmãs Clarissas
Albano Laziale

Nem sempre torna-se possível exprimir a exultança do coração, pois a alegria, quando é muito profunda, não procura palavras, mas nutre-se de silêncio. E neste silêncio, diante de Deus, quer tornar-se “voz” na oração, no louvor, na devolução.

Qualquer palavra nos parece pequena demais, para manifestar o que o coração conseguiu perceber num olhar, um sorriso, um aperto de mão ou também numa simples palavra ouvida. Contudo, o que a caneta não consegue relatar, pode ser compreendido pelo coração.

Com esta convicção, queremos partilhar o grande dom dos dois encontros vividos com Papa Francisco, a alegria e a maravilha que invadiram nossos corações em dois tempos num só mês. Na gratidão “*pelos benefícios que todos os dias recebemos do nosso Doador, Pai das misericórdias*”, temos certeza de que quanto recebemos pelo Santo Padre por meio da palavra e da mesma sua presença, constitui um patrimônio precioso por todas nós e tem de ser acolhido, meditado, guardado para que se torne carne na nossa vida de Irmãs Pobres.

«Rogai por mim!»

Talvez o domingo 14 de julho de 2013 teria sido por nós um domingo qualquer se na última parte da manhã não tivesse chegado um telefonema inesperado que anunciava a iminente chegada de Papa Francisco ao Mostério. O que parecia sonho tornou-se realidade. Com efeito, se tudo entra num projeto de graça, *nada é impossível a Deus*: o acontecimento representava a manifestação de extrema ternura de um Deus que sempre nos surpreende.

Voltam à memória do coração as primeiras palavras que a nós dirigiu: «*Vim porque sei que vocês rezam por mim*». Nestas palavras está incluído o incalculável valor que o Santo Padre outorga à oração e o profundo apreço pela vida contemplativa que ele nos mostrou no nosso encontro quando, fechadas as portas, ficamos sós com ele na sala capitular:

«*Agradeço muito por tudo o que vocês fazem pela Igreja: a oração, a penitência, a tutela recíproca ... Vocês deram a vida ao Senhor ... Sua vida é bela! É linda a sua vocação para a vida contemplativa!*».

Não há palavra que poderá exprimir o profundo afeto, a intensa participação, a profundidade do silêncio, a *com*-paixão vivida pelo nosso coração quando, modificando a expressão do rosto e mudando o tom da voz, nos disse: «*Rogai por mim!*». Falando em nome de todas as Irmãs, nossa Madre, Ir. Maria Assunta, lhe manifestou a nossa profunda ligação para com sua Pessoa e, de um jeito simples mas decidido lhe garantiu a nossa oração profundamente unida à oferta de nossas vidas. Respondendo a estas afirmações, Papa Francisco disse:

«*Obrigado! A Igreja necessita disso, necessita de mártires ... pois a evangelização realiza-se de joelhos, iniciando por aqui. Por isso sua missão na Igreja é tão importante*».

A caridade, fonte da verdadeira paz

Antes que o Papa entrasse na sala lhe mostraram uma lápide em mármore fixada no corredor, lugar atingido pelo bombardeiro na segunda guerra mundial, onde morreram dezoito das nossas Irmãs. Diante daquela pedra o Santo Padre rezou silenciosamente: nenhuma palavra, só o rosto tocado pelo sofrimento, a mão no peito quase percebendo em si mesmo o pecado da humanidade, causa de guerra e de violência. Aludindo àquela lápide nos aconselhou de permanecer sempre na paz, lembrando a sujeira da guerra, de qualquer guerra. Insistia: «*A paz, sempre a paz*». Há uma guerra em nós que todos somos convidados a pelear e que desafia a nossa decisão de renunciar ao mal e a suas seduções, e a vontade a escolher o bem: é o caminho nunca acabado, até que estamos nesta terra, da conversão pessoal, único caminho que leva à paz.

No que parece um “pequeno ensinamento de vida fraternal”, o Papa afirmou que o jeito mais certo para guardar a dimensão da oração consiste numa vida de caridade; por isso nos exortou para que vigiassemos na vida espiritual, tomando conta dos nossos sentimentos

«pois o diabo procura sempre intrometer-se ... Eu sempre aconselho o que a mesma Igreja aconselha: acusar a si mesmos. Apreendam a acusar a vocês mesmas, sempre. E a paz que a pessoa encontra acusando a si mesma, passa às outras pessoas. Todos nós temos falhas. Mas precisa aceitar-se tendo muita paciência ... Se vocês tomarem esta resolução: “Nunca falar mal dos outros”, logo tornar-se-ão santas!».

Nas palavras do Papa encontra-se um dos alicerces da nossa vida de Irmãs Pobres, que nossa Madre Santa Clara nos entregou na Regla: «*manter a unidade do amor recíproco e da paz*».

Com coração de Pai

O que o Papa nos entregou pela palavra fica guardado no coração de cada Irmã, porque ele nos falava com o coração: seu rosto estava cheio de ternura como o de um pai carinhoso que alimenta e cuida de seus filhos.

Como manifestar a vivência daqueles momentos? O Santo Padre estava aqui conosco e nos mostrava o caminho da santidade! Afável, ficou conosco à vontade; pela espontaneidade parecia ter sempre ficado conosco. Todas nós percebemos isto. A própria Pessoa do Papa manifesta-se assim: uma humanidade muito rica que não para no secundário mas visa à profundidade, criando verdadeiras relações fraternas.

Amigavelmente quis informar-se sobre o Mostéro e a vida atual da Comunidade.

Podemos afirmar que, nele, encontramos o rosto de um *Pai* e é uma coisa linda perceber a proximidade com a nossa vida e o profundo interesse pelo nosso carisma. Conversando, manifestou também apreço para com os nossos Irmãos da Primeira Ordem lembrando Frades Menores, Capuchinhos, Conventuais, exprimendo estimaçã e gratidão pelo trabalho realizado em Argentina em prol dos pobres.

Antes de sair, nos abençoou e, querendo lembrar o sentido verdadeiro de sua visita para que ficasse bem firme nos nossos corções, repetiu: «*Eu queria pedir orações por mim ... Rogai por mim*». Palavras parecidas com as primeiras do encontro e com aquelas que deixou escritas: «*Rogai por mim*».

Amor sem limites

Não é difícil imaginar o nosso estilo de vida nos dias que seguiram o encontro com o Santo Padre do 14 de julho e quão profunda tornou-se em nós a consciência do seu pedido que

intensificou a nossa oração. Se, como escreve S. Agostinho «*o coração está presente aonde ama, mais do que no corpo em que mora*», torna-se impossível estabelecer um limite ao amor: o Santo Padre está *realmente* conosco e nós estamos *realmente* com ele, até permanecendo entre estes muros que nos lançam para um *além* muito mais profundo, para o próprio coração de Deus.

No mistério desta comunhão que nos revela a íntima realidade da Igreja, percebemos a beleza e a profundidade da vocação que recebemos gratuitamente por Deus e, «*mais é perfeita e grande, mais temos obrigação para com Ele*».

Decorrendo os dias, lembrando aqueles momentos, voltando às palavras que nos entregou, torna-se mais forte em nós a consciência de que tudo isto foi possível «*não pelos nossos méritos, mas só pela graça e misericórdia do Doador*». Uma graça, então, um dom que, no mesmo tempo, torna-se responsabilidade.

No rastro de Maria

Antes de despedir-se Papa Francisco disse: «*Voltarei logo!*», porém nunca podíamos imaginar que isso teria acontecido só depois de um mês! Este novo encontro com ele levava o rastro de um dia especial: com efeito realizou-se no 15 de agosto, solenidade da *Assunção de Nossa Senhora*.

Desta vez tivemos o grande dom de rezar juntas com ele no nosso Coro, o lugar que com maior perfeição manifesta o nosso “estar” diante de Deus: com humilde concentração Papa Francisco ajoelhou-se diante do Sagrário, em profundo silêncio.

Antes de nos encontrar na sala da comunidade, parou alguns momentos em oração na frente do sarcófago que guarda o corpo da Serva de Deus Ir. Maria Clara Damato (1909-1948), que viveu no nosso Mosteiro e foi declarada Venerável pelo Papa Bento XVI; dela está sendo atualizado o processo de canonização.

Suscita maravilha ver o rosto do Santo Padre se transformar na oração. Parece estar em relação com outra Realidade, em íntima conversa com o Senhor, vivendo a presença divina. Papa Francisco fala, escuta, viaja mas, na realidade, nunca se afasta daquele centro em que ele habitualmente mora.

O “poder” de Maria, “onipotente na súplica”

No decorrer do encontro na sala o Papa nos comunicou uma reflexão mariana nascida no coração dele quando rezava conosco no Coro, como ele mesmo afirmou.

Voltando a uma brincadeira por ele mesmo dita no jardim («*desde a tarde em que Eva comeu a maçã no paraíso, são as mulheres que mandam*»), continuou:

«*... Também Maria manda. Como manda Maria, como manda Nossa Senhora? A quem manda? Ao próprio Filho ... Isso se evidencia nas bodas em Caná: interferiu num problema humano, numa dificuldade humana ... Ela manda ou faz com que o Filho perceba as nossas necessidades, pois o Filho lhe deu este privilégio. Na realidade foi Ele quem lhe preparou um “lugar” perto de Si.*

Foi por isso que a Igreja, - os Padres da Igreja, a Tradição da Igreja - considerou Maria onipotente na súplica: o Senhor faz o que Ela pede. O poder de Nossa Senhora é a súplica. O Filho faz o que Ela pede. Assim manda Maria».

Maria intercede pelos pecadores. Este “lugar” preparado pelo Filho põe a missão de Mãe e Mediadora na história da salvação. Com isso o Papa quis lembrar-nos com força que não podemos sermos Igreja sem participar de uma missão que, como acontece com Maria, nos põe no coração do mundo para carregarmos o peso de nossos irmãos. Para esta súplica o Papa nos convida, para a

grande oração de intercessão que, *por Cristo, com Cristo e em Cristo*, quer carregar-se do pecado do mundo, fazendo com que, pelo nosso trabalho quotidiano possamos entrar no âmbito mais segredo da história humana, nos cenários mais escuros do mundo aonde trava-se a verdadeira luta, aquela de que fala o apóstolo Paulo: «*A nossa luta não é contra o sangue e a carne, mas contra os principados, as potestades, os dominadores deste mundo tenebroso, os espíritos malinhos*» (Ef 6,12).

Interceder em favor dos pecadores

Falando da nossa missão, Papa Francisco contou uma lenda popular do Sul da Itália, conhecida nos encontros com os operários, que conta a história de “Nossa Senhora dos Tamarindos”. De imediata compreensão, esta lenda contém um sentido teológico muito profundo:

«Nossa Senhora, no Céu, olha para a porta do Paraíso. Quando chegam grandes pecadores, Ela faz com que não se aproximem, mas esperem um pouco longe pois, se eles se aproximam, São Pedro impede a entrada. Chegando a noite, na escuridão e no silêncio, Ela abre a porta e todos entram».

O Santo Padre falava assim de Maria para dizernos algo da nossa identidade e missão na Igreja. A indicou a nós muito claramente e com grande simplicidade. No silêncio, na escuridão, na noite, quando ninguém vê, ninguém sabe, ninguém ouve, pela oração se desenvolve a nossa missão: abrir a porta do Paraíso aos que estão mais longe, sendo solidárias com os pecadores, solidárias com os últimos.

Noutras palavras, ele nos entregou o nosso “jeito” de estar na história como Maria e, ainda mais, *em Maria*.

Entregar-se a Maria, nossa Mãe

Quando o Papa nos falava de Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe, sua fala era muito simples, nunca separada da relação pessoal com Ela. Por isso levava o sabor da confiança, o sabor do amor mais autêntico, mais puro.

«Maria possui um grande poder na nossa vida e na vida da Igreja. A Ela entreguemos todos os nossos problemas, também os nossos sentimentos; de tudo isto falemos com Ela: os problemas da Igreja, os problemas das famílias, do Mostério, das pessoas que confiam nas nossas orações ... Digamos-lhe: “São teus filhos”. Com Ela falemos também desses cristãos do Egito, da Síria que estão sofrendo muito: muitas igrejas queimadas! Muitos mortos! Ela é a Mãe de todos e possui um grande poder ...

É uma coisa muito linda ter este diálogo para com a Mãe, entregar-lhe estes nossos assuntos: as confianças, os problemas ... Trata-se de um caminho muito simples: deixar tudo a nossa Senhora, tudo».

Identidade e pertença ao carisma

O dom de um diálogo sincero com Papa Francisco fez com que pudéssemos tratar da situação atual da vida consagrada no mundo, com as alegrias e as dificuldades que a caracterizam. Pergutamos: quais, hoje, os desafios que podem afastar-nos de uma resposta radical no seguimento de Cristo? Lhe pedimos *uma palavra para nós hoje*, para nós Irmãs Pobres de santa Clara. O Papa respondeu assim:

«Penso que a vida consagrada torna-se insípida quando perde a identidade. E identidade significa “pertença”, pertença ao carisma fundacional. O carisma fundacional não se fundamenta sobre aspectos conjunturais que hoje têm um sentido, outro amanhã.

O que eu digo aos religiosos e às religiosas? Pertença ao carisma fundacional, ao que é essencial. Se precisa mudar alguma coisa, mude-se o que é accidental, conjuntural, nunca o que é essencial, nunca! Isto representa a identidade.

Para vocês está claro o carisma de Sanmta Clara e de São Francisco ... O Capítulo conventual, assistido pelo Espírito Santo, tem a responsabilidade de discernir as escolhas e procurar caminhos. Mas sempre enraizados nos Fundadores. De outra forma há afastamento do carisma e a gente abandona a oração e outros aspectos. Esta è mondanidade!

O maior inimigo da vida consagrada neste momento è a mondanidade: a mondanidade espiritual, isto è: assumir os critérios do mundo. Leiam Rm 12,2: “Não vos conformeis com este mundo”. A mondanidade».

Poucas palavras que exprimem tudo. O que o Papa nos deixou é, para nós, uma advertência para que demos a devida centralidade ao Evangelho, para que tenhamos o nosso olhar fixo no Filho de Deus; uma advertência para que lembremos o nosso *estar no mundo, não sendo do mundo*; uma animação para que caminhemos na via que desde oito siglos nos foi traçada, sem que nos afastemos dela em nenhum modo, sem menosprezar os valores. Nas escolhas feitas por nós nada è indiferente: cada passo, mesmo que pareça pequeno, se não nos aproxima da meta, nos leva na direção contrária.

Se “nada é casual”

Nós temos certeza de que o dom recebido, reflexo da benevolência de Deus e do Santo Padre, participa de um projeto maior que nos supera infinitamente.

Sabemos que, nos projetos de Deus, *“nada é casual”*. Então temos que acreditar que não foi acaso que a primeira visita oficial de Papa Francisco a um Mostério aconteceu no di da *Assunção de Nossa Senhora*. E não foi acaso que exactamente naquele dia o Santo Padre nos falou do papel de Maria na história da salvação, frisando a maternidade dela e a intercessão. Gostamos pensar a este gesto na sua amplitude universal: confiar o “rosto mariano” da Igreja como vocação e missão da vida contemplativa no mundo, na fidelidade ao carisma específico.

Papa Francisco afirmou que *“a Evangelização se realiza de joelhos”*. O nosso “ficar” de joelhos diante do Sagrário vai sustentar o trabalho dele na peregrinação pelo mundo. O nosso silêncio acompanhará a sua palavra, na fecundidade viva da nossa missão e evangelização na Igreja, que realiza plena e alegremente a nossa realidade de mulheres, próximas a todos os irmão e a todas as irmãs, intimamente unidas a Cristo.

Antes de despedir-se, no dia 15 de agosto de 2013, Papa Francisco escreveu por nós, no “antigo livro de assinaturas”, algumas palavras que sintetizam o que ele nos disse, como “autenticação” dos nossos dois encontros. Queremos entregá-las fraternalmente a vocês como conclusão destas páginas:

«Por favor: guardem a identidade de sua vocação, a pertença ao carisma fundacional. E rezem pelos pecadores, entre os quais eu sou o pior».